

## **MULHERES, ESPIONAGEM E SERVIÇO SECRETO: uma análise prosopográfica nas duas guerras mundiais**

*WOMEN, ESPIONAGE AND SECRET SERVICE: a prosopographic analysis in two world wars*

*MUJERES, ESPIONAJE Y SERVICIO SECRETO: un análisis prosopográfico en las guerras mundiales*

Thiago da Silva Pacheco\*

### **RESUMO**

Pretendemos analisar coletivamente os relatos biográficos de 22 mulheres, envolvidas com serviços secretos durante as duas Guerras Mundiais. Considerando que a guerra é atribuição historicamente tida como masculina, esta análise prosopográfica visa lançar luz sobre a atuação do gênero feminino nestas atividades. Tal investigação objetiva elucidar a participação ativa destas figuras na Primeira e Segunda Guerra, bem como se constituir em estudo de caso acerca das demandas, recrutamento e efetividade de recursos humanos para atividade relacionada à Inteligência, nos dois conflitos de maior importância do século XX.

**Palavras-chave:** mulheres; espionagem; guerra mundial; serviço secreto.

### **ABSTRACT**

*We intend to collectively analyze the biographical accounts of 22 women involved with the secret service during the two World Wars. Considering that war is historically regarded as masculine, this prosopographic analysis aims to shed light on the participation of female activities. This investigation aims to elucidate the active participation of these First and Second World War figures, as well as constitute a case study about the demands, recruitment and effectiveness of human resources for the Intelligence activity in two contexts of great importance in the 20th century.*

*Keywords: women; espionage; world war; secret service.*

### **RESUMEN**

*Nos proponemos analizar colectivamente los relatos biográficos de 22 mujeres involucradas con los servicios secretos durante las dos guerras mundiales. Considerando que la guerra es históricamente una atribución masculina, este análisis prosopográfico pretende arrojar luz sobre el papel de la mujer en estas*

---

\* Doutor e Mestre pelo Graduação em História pela Universidade Gama Filho, pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-UFRJ) e estágio pós-doutoral na Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FND-UFRJ). Professor das Faculdades Integradas Simonsen.

*actividades. Esta investigación pretende dilucidar la participación activa de estas figuras en la Primera y Segunda Guerra Mundial, así como constituir un estudio de caso sobre las demandas, reclutamiento y efectividad de los recursos humanos para la actividad de Inteligencia en dos contextos sumamente importantes del siglo XX. Palabras clave: mujeres; espionaje; guerra mundial; servicio secreto.*

## 1 INTRODUÇÃO

A espionagem e as operações de caráter secreto estão entre as mais antigas atividades praticadas pela humanidade, com mulheres tomando parte nelas desde sempre. A longevidade da espionagem explica-se pela sempre constante demanda, da parte de governantes e generais, por dados acerca de oponentes reais ou em potencial (CEPIK, 2003; HERMAN, 1996; KEEGAN, 1995). Embora talvez um pouco mais recentes, também remontam à antiguidade os “truques sujos” que hoje são associados ao que chamamos de “ações encobertas” (WIAN, 2012, p. 56), ou seja, sabotagem, guerrilha e *black propaganda*.

Mas, se mulheres têm sido recrutadas como espiãs desde sempre na História da Espionagem, os contextos históricos nos quais elas atuaram, por outro lado, condicionavam seu gênero a papéis dentro da família, em distinção à política e à guerra, na medida em que estes têm sido espaços historicamente dominados por homens<sup>1</sup>.

Considerando esta questão, e concentrando-nos em mulheres atuantes nas duas Guerras Mundiais, o que pretendemos demonstrar é que a espionagem e demais operações de caráter secreto – confrontos irregulares, observação avançada e sabotagem – incluíram uma demanda tão ampla de habilidades, contatos e posições sociais que impuseram a participação de mulheres capazes de suprir tais demandas, ainda que a gerência da Inteligência e da guerra coubesse, quase que exclusivamente, a homens. Justamente por esta demanda, o serviço secreto apresentava fissuras nestes ambientes patriarcais (SCOTT, 1991; SOIHET, 1997), por meios das quais mulheres eram aceitas e podiam alcançar algum grau tanto de distinção quanto de influência.

Porém, por razões óbvias, os espiões são figuras encobertas pelo segredo, o que impõe dificuldades metodológicas específicas. Neste sentido, o estudo acerca destes indivíduos se torna possível por meio dos documentos oficiais dos órgãos de Inteligência, especialmente em países como Inglaterra e os Estados Unidos, que mantém uma legislação de disponibilidade de tais fontes, ou de Estados com passado ditatorial, que abrem ao público a documentação produzida por seus órgãos de repressão. Além da documentação oficial, é proveitoso cotejar estas

---

1 Ainda que posteriormente tenha surgido, também, a espionagem industrial, que não será alvo desta análise.

fontes com as biografias e as crônicas de espionagem de ex-agentes, ampliando o leque de possibilidades (NAVARRO, 2009), na medida em que os relatórios oficiais refletem – e ocultam – a realidade conforme a ótica e os interesses, tanto destas agências como dos governos aos quais serviram.

Assim, para além de documentos oficiais produzidos por órgãos de Inteligência – em contextos sociais mais recentes – biografias de espões e crônicas ou reportagens sobre espionagem nos fornecem uma galeria de personagens passíveis de serem submetidas a uma análise de tipo prosopográfica (STONE, 1971). Tal método permite que “[...] as vozes do inédito sejam trazidas à tona” vozes de “grupos que têm um histórico de serem marginalizados ou desprivilegiados por serem historicamente apagados [...], cujas experiências podem ser transmitidas” (COLES; NETTING; O’CONNOR, 2018, p. 87, tradução nossa). Neste caso, os grupos e experiências em questão são as agentes, os motivos de seu recrutamento e as suas condições como espãs, sendo suas biografias analisadas coletivamente, como instrumental de uma perspectiva histórico-social das atividades militares (SOARES; VAINFAS, 2012), de gênero (SCOTT, 1991; SOIHET, 1997), sob os parâmetros conceituais das atividades de espionagem e de operações encobertas (CEPIK, 2003; CHARNEY; IRVIN, 2014; HERMAN, 1996; SOARES; VAINFAS, 2012).

Assim, superada, por meio do recurso das biografias, tal dificuldade imposta pelo segredo em relação a atividades de espionagem, podemos lançar luz sobre uma categoria histórica glamourizada por diferentes mídias, mas pouco conhecida numa perspectiva da História Política e Militar, cujas abordagens tem-se expandido das elites e dos altos comandos para as pessoas comuns que cotidianamente tomam parte nestes conflitos (REMOND, 2003; SOARES; VAINFAS, 2012), e nos permite, também, chegar a algumas conclusões acerca dos recursos humanos aplicados nas atividades de Inteligência e correlatas, em dois dos maiores confrontos da História.

## **2 O SÉCULO XX E A GRANDE GUERRA**

Antes, é necessário compreendermos como o primeiro conflito mundial impôs transformações sociais, na forma de espaços tipicamente considerados masculinos sendo ocupados por mulheres. Durante o confronto, elas trabalharam em fábricas, auxiliando diretamente no esforço de guerra ao produzir artigos como uniformes, paraquedas e outros. No campo, foram fundamentais para que o trabalho agrícola, imprescindível como setor primário da economia, não fosse paralisado (THEBAUD, 1991).

Esta mobilização da mão de obra feminina, contudo, não se deu de imediato. Pelo contrário, havia enorme resistência às fervorosas propostas de trabalho voluntário das mulheres em todos os segmentos. Somente quando a guerra começou a dar sinais de que não seria veloz e avassaladora, nos modos propostos por Clausewitz, mas sim uma longa, custosa e destruidora Guerra de Trincheiras, é

que se aperceberam os homens que a mobilização feminina era fundamental para preencher as frentes de trabalho para além daquelas exercidas no campo ou nas enfermarias. É nesse sentido que a Guerra gerou duas grandes frentes: a de batalha (*battlefront*), espaço atribuído aos homens, e a do país (*homefront*), espaço no qual as feministas buscaram envolver-se e onde a mulher conseguiu atuar naqueles duros tempos (THEBAUD, 1991). Nesse contexto, o número de mulheres operárias, vendedoras, secretárias, condutoras de bondes – entre outras profissionais – iria se multiplicar.

Assim, embora o processo tenha se dado em diferentes velocidades na Inglaterra, França, Alemanha, Bélgica e nos Estados Unidos, durante a Primeira Guerra Mundial, o deslocamento de homens adultos para o *front* levou mulheres das casas, dos campos e das indústrias têxteis para as fábricas; das fábricas para a produção de armamento; e da produção de armamento para o setor de transportes, advocacia, direção de escolas ou hospitais. Na Inglaterra, chegaram até mesmo ao policiamento ostensivo. Foi neste país que também ocorreu o serviço militar por parte de mulheres, uniformizado e hierarquizado de forma castrense, trabalhando na retaguarda ou como motoristas. Por fim, próximo ao *front*, é conhecido, e foi reconhecido, o esforço das enfermeiras, chamadas de anjos brancos (NEVES, 2015).

### 3 AGENTES SECRETAS NA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Um daqueles anjos brancos foi Edith Cavell, uma enfermeira britânica. Ela ajudava soldados escondidos em um hospital da Cruz Vermelha a fugirem de Bruxelas para a Holanda. Filha de um ministro cristão, desde menina dominava fluentemente o francês, e foi indicada para ser governanta em Bruxelas. Mais tarde, voltou à Inglaterra e se formou enfermeira. Retornou à Bélgica para auxiliar na formação de uma escola de enfermagem, e lá estava quando a Alemanha invadiu aquele país em 1914, situação na qual a Força Expedicionária Britânica fora derrotada, deixando para trás soldados feridos. Os alemães alertaram publicamente que seriam tratados como criminosos quem ajudasse a ocultar os soldados britânicos, ordem que Edith desobedeceu por completo: ela não apenas oferecia esconderijo, como cuidava dos feridos e auxiliava-os pessoalmente em fuga ao lado de soldados belgas disfarçados, inclusive fornecendo dinheiro para que cruzassem a fronteira (ATWOOD, 2014).

Contudo, o ramo B da polícia política secreta alemã (GPP) estava estacionado em Bruxelas, focado principalmente em descobrir soldados aliados escondidos, assim como civis que estivessem os auxiliando. Não tardou para que Edith Cavell, cidadã inglesa, se tornasse suspeita e Otto Mayer, novo oficial do GPP de Bruxelas, foi especificamente designado para capturá-la. Após a clínica que ela dirigia ser vigiada por agentes secretos alemães, Edith Cavell acabou presa no início de agosto de 1915 (ATWOOD, 2014).

Outro “anjo branco” foi Gabrielle Petit. Órfã de mãe aos 9 anos, Gabrielle teve dificuldade para se enquadrar no internato dirigido por freiras, para onde fora enviada. Sua personalidade era indomável, e não se adaptou à casa de seu pai, casado com uma jovem moça. Sem conseguir manter-se em nenhum emprego, foi adotada por um casal que morava próximo dela. Trabalhando então como garçoneiro, conheceu numa taverna um jovem sargento de quem se tornou noiva (ATWOOD, 2014).

Com a chegada da guerra em 1914, o rapaz foi enviado para a batalha, e ela se alistou como enfermeira. Após a invasão da Bélgica, ele conseguiu fugir, mas a família do noivo lutou contra o relacionamento a ponto de o sargento terminar a relação e retornar para suas tropas na França. Gabrielle, que estava alheia à decisão de seu amado, desejava ardorosamente encontrá-lo na França, oferecendo-se como enfermeira voluntária a um oficial britânico que conhecera numa viagem de navio (ATWOOD, 2014).

Impressionado com a ousadia e paixão de Gabrielle, o oficial a recrutou não como enfermeira, mas como espiã ativa e remunerada da Inteligência Britânica. Treinada na Inglaterra, seu codinome era “Srta. Legrand”, e sua função era repassar cópias de documentos ilegais, além de observar tamanho, localização, tipo, trens, veículos, munições e movimentos de tropas. Seu trabalho também incluía o mapeamento das estradas e pontes localizadas no centro-sul da Bélgica. Gabrielle operava usando disfarces variados, atuando sob o manto de vendedora ambulante de chapéus, entregadora de jornais, mendiga, babá, garçoneiro e padeira. Por outro lado, costumava ridicularizar abertamente os alemães, tornando-se uma moradora suspeita da região, então vasculhada por agentes germânicos. Isto a levou a ser presa em 1916. Convicta, provocou aos alemães tanto na prisão quanto no julgamento que decretou sua morte por fuzilamento. Tristemente, Gabrielle nunca mais viu seu ex-noivo, nem sabia do rompimento: ele inclusive já estava casado com outra mulher (ATWOOD, 2014).

Como Gabrielle Petit, Marthe Cnockaert também era enfermeira de guerra. Foi abordada para o trabalho de espionagem por uma amiga, quando cruzou a fronteira da Holanda junto a sua mãe, após a ocupação da Bélgica. Relutou devido à reputação da espionagem como um trabalho dissimulado e sorrateiro, mas sua mãe a fez mudar de ideia dizendo: “Se minha filha deseja servir eu dou ela de boa vontade e com orgulho, assim como eu dei meus filhos”. (ATWOOD, 2014, p. 64).

A função de Marthe era ouvir as conversas entre os oficiais alemães no Hospital Rousselaere, que ficava próximo ao *front*. Ou seja, sua função era “pescar” falas sobre os movimentos de tropas, as localizações de depósitos de munição etc. Em 1915, seu pai conseguiu reencontrar a família, e tinha aberto uma cafeteria frequentada por muitos alemães: Marthe viu ali a oportunidade de coleta de dados, mas veio a ser alertada por outros espiões de sua rede que um destes alemães era um agente de contrainteligência com a missão de eliminar espiões belgas (ATWOOD, 2014).

Ainda assim, Marthe não era suspeita. Pelo contrário, foi elogiada e recomendada para ser condecorada pelo seu cuidado com soldados alemães feridos. Inclusive, o próprio agente alemão tentou recrutá-la para ajudá-lo na captura aos espiões belgas, sem saber que Marthe era uma agente inimiga. Após o bombardeio de um alvo estratégico pela Força Aérea inglesa, Marthe foi pressionada pelo agente alemão, que acabou sendo morto pela rede de espionagem belga com dois tiros na cabeça (ATWOOD, 2014).

Mas, o cerco se fechava em torno de Marthe, que acabou presa em 1916 após policiais encontrarem mensagens cifradas em seu apartamento. Interrogada, não forneceu nenhuma informação sobre sua rede, e diante do tribunal teria dito: “Eu me vejo como um soldado no campo diante de um invasor”. Condenada à morte, Marthe teve a pena revertida em prisão perpétua devido à sua condecoração pelos cuidados médicos com soldados alemães, e foi libertada pelos ingleses ao fim da guerra (ATWOOD, 2014, p. 68).

Os heroicos relatos de Edith, Gabrielle e Marthe, todas investigadas e presas, são exemplos de como a realidade da guerra também afetou as Polícias Políticas e as Seções de Inteligência das potências envolvidas no conflito, impondo-lhes novas demandas. Tratava-se da disputa pelo segredo – na definição de Shulsky (1995), para a atividade de Inteligência. Como exaustivamente explorado na ficção, esta disputa incluía o uso de meretrizes e da *sexpionage* – ou seja, mulheres que seduziam alvos estratégicos. A prática é conhecida desde a antiguidade, como verificamos nos relatos bíblicos de Raabe (Js. 2:1-16), meretriz de Jericó que atuou como agente colaboradora local dos israelitas, ou Dalila (Js. 16: 1-5), recrutada pelos filisteus para descobrir o segredo da força de um apaixonado Sansão (BÍBLIA..., [2022]). No Extremo Oriente, o manual ninja *Bansenshukai* faz menção às *kunoichi*, “ninjas mulheres” que atuavam como colaboradoras infiltradas em fortificações inimigas ou seduzindo alvos dados à “luxúria ou ganância”. Se a figura exagerada dos ninjas é apenas uma “tradição inventada”, como argumenta Stephen Turnbull (2014), as sofisticadas técnicas de espionagem e guerra irregular, redigidas durante Período Edo (século XVII-XIX), demonstram alguma consciência teórica acerca do que hoje chamaríamos de Espionagem e Operações Especiais. E, especificamente para o assunto em tela, expressam também perspectivas de gênero do Japão daquele período, na medida em que seus autores descrevem as *kunoichi*, destinadas para a sedução, como tendo “[...] aspecto torto e uma mente inferior, além de inteligência superficial e fala pobre” (CUMMINS; MINAMI, 2013, *online*, tradução nossa).

A menção a estes relatos literários, distantes e sem correlação histórica entre si, demonstra, à guisa de exemplo, como a dicotomia do gênero feminino, considerado ao mesmo tempo inferior e perigoso sexualmente, é igualmente encontrado em fontes de autoria masculina (o escriba da Bíblia e o mestre ninja do *Bansenshukai*). E nos trazem ao arquétipo da *femme fatale* que, explorado em representações midiáticas desde o início e no decorrer do século XX, foi transformado em espetáculo jurídico na figura da famosa espiã Mata Hari (WHITE, 2007).

Seu nome verdadeiro era Margareta Zelle. Após o casamento conturbado com um oficial alcoólatra da marinha escocesa, foi abandonada e enveredou-se pela boemia. Criou para si a personagem Mata Hari (“olhar do dia” ou “olhar da aurora”), apresentando-se como uma princesa iniciada em danças eróticas num templo javanês. Nada disso era verdade, mas, dançando seminua como uma personagem supostamente envolta pela cultura oriental, fez enorme sucesso em várias capitais europeias. Tal fama deu a ela acesso às altas rodas da Europa: generais, homens de negócios, políticos e chefes de polícia se sentavam à mesa com ela, o que chamou a atenção dos alemães. Eles a recrutaram como espiã, por volta de 1914, para que atuasse na França. Todavia, a dançarina jamais coletou dados contundentes e, descuidada, acabou descoberta pelos franceses que, em troca de poupar sua vida, exigiram de Mata Hari que se tornasse uma agente dupla (WHITE, 2007).

De qualquer forma, Mata Hari foi presa em 1917 pelos próprios franceses. Suas acusações a colocavam como uma superespiã, responsável pelas derrotas francesas na guerra. Isso não passava de um discurso deliberadamente exagerado e fantasioso, cujo objetivo era encobrir as constrangedoras derrotas do Exército Francês no conflito (WHITE, 2007).

A trágica trajetória daquela que é tida como a mais famosa espiã de todos os tempos sintetiza a contradição do pensamento da época em relação ao gênero feminino. No *front*, elas eram os “anjos brancos”, enfermeiras idealizadas como figuras maternas. Nos quartos, hotéis ou cassinos, eram as *femmes fatales*, sedutoras, vis, ardilosas, perigosas (WHITE, 2007). Eva e Maria, Pecadora e Santa (NEVES, 2015). A contradição acentua no tocante à atividade de espionagem: tais papéis, construídos a partir de uma perspectiva masculina, denunciam em aspecto histórico e coletivo (GAY, 1989) os desejos inconscientes (ROUDINESCO; PLON, 1998), sendo a enfermeira a representar a figura materna – cuidadora e provedora – enquanto a espiã, com seus mistérios, ameaças e moralidade não convencional, a representar os desejos reprimidos da sexualidade. Ou seja, é justamente pelas fragilidades e neuroses masculinas que o velho truque da espiã sedutora nunca deixou de ser utilizado pelos próprios homens que dirigem a guerra e a política.

Mas as demandas da guerra também abriram espaços de destaque, fissuras na estrutura de determinação de gêneros, como argumentam Soihet (1997) e Scott (1991). Neste sentido, cabe averiguar não somente este arquétipo da *femme fatale*, mas expor sua insuficiência ao verificarmos os casos das mulheres que em nada podiam ser enquadradas neste modelo e que alcançaram posições importantes dentro das fileiras dos Serviços Secretos. Por exemplo, pelo lado Alemão – que compunha a Tríplice Aliança junto da Áustria e da Itália – Elsbeth Schragmüller gerou uma série de lendas entre os inimigos americanos, franceses e ingleses. Agentes do mundo todo a temiam, chamando-a de *Fräulein Doktor*. Tais lendas se deram devido ao metódico cuidado relativo à Inteligência que Elsbeth mantinha, no cargo que surpreendentemente – para os oponentes – ocupava. Doutora em



Ciência Política, ela se destacou interceptando cartas durante a I Guerra Mundial, chegando a trabalhar para o Estado-Maior alemão. Devido a sua perspicácia, recebeu o comando de uma Divisão de Informações, estabelecendo um sistema sofisticado de recrutamento e formação de espões em instalações ultrasecretas, onde nem os recrutas, nem os instrutores, se conheciam. Ao término da guerra, Elsbeth recebeu a patente de tenente e foi condecorada com a Cruz de Ferro. Os mitos só foram separados dos fatos ao final da Segunda Guerra Mundial, quando documentos da Inteligência alemã caíram nas mãos dos americanos. Elsbeth, porém, já havia morrido de tuberculose, em 1940 (VOLKMAN, 2013).

A exemplo de Elsbeth, Gertrude Bell também se destacou no trabalho de Inteligência (VOLKMAN, 2013), chegando inclusive a estar envolvida com conflitos irregulares no *front* do Oriente Médio. Gertrude foi a primeira mulher a se formar em primeiro lugar em História Moderna em Oxford, e era uma apaixonada pelo Oriente Médio, então um grande mistério para os europeus. Atuando como arqueóloga, a historiadora mapeou detalhadamente a região. Ela era também fluente em árabe, persa, hebraico, turco e nos dialetos locais, os quais conhecia tão bem como os costumes dos beduínos, camponeses e pastores com os quais convivia, fazia pousada e vagava sob o lombo de camelos em seus estudos de campo.

Com a chegada da guerra, os ingleses estavam apreensivos em relação a qual seria a posição dos turcos e quais suas capacidades de combate. Criaram, assim, o Gabinete Árabe, a fim de produzir Inteligência referente a esta questão. Gertrude Bell era tida como a estrela do gabinete, e alertou que os turcos iriam se aliar aos alemães, embora seu equipamento fosse ultrapassado. Foi também dela a ideia de apoiar a Revolta Árabe e buscar auxílio nas tribos árabes locais, como informantes e guerrilheiros atrás das linhas inimigas. Os ingleses não apenas acataram as sugestões de Gertrude, como ela recebeu o soldo de major e foi designada para atuar junto a ninguém menos que T. E. Lawrence, o famoso “Lawrence da Arábia”, tenente-coronel conhecido pelas façanhas de guerrilha naquele teatro de operações.

Tristemente, após as vitórias, os ingleses pararam de ouvir Gertrude. Ela alertava, e o futuro deu-lhe razão, que a divisão artificial do Império Otomano geraria problemas devido à reivindicação nacionalista árabe, e as promessas vazias aos sionistas seria uma bomba-relógio para a Inglaterra. Depois da guerra, entristecida pelo que se dava no Oriente Próximo que tanta amava, Gertrude Bell cometeu suicídio.

A última de nossas figuras da I Guerra é Louise de Bettignie. Oriunda de uma nobre família em decadência financeira, Bettignie teve uma excelente educação em Oxford, aprendendo alemão e italiano quando trabalhou como governanta na Áustria e na Itália. Chegou a receber uma proposta do próprio arquiduque Francisco Ferdinando para ser sua governanta, a qual recusou a fim de não perder a cidadania francesa (ATWOOD, 2014).



Ela estava doente quando os alemães invadiram a França. Recuperada, Louise começou a atuar como correspondente, levando cartas com mensagens escondidas para os familiares que viviam fora da zona ocupada. Sua desenvoltura na ocultação daquelas mensagens chamou a atenção da Inteligência tanto britânica quanto francesa. Ela optou pelos britânicos porque eles pagariam adiantado, e sua família penava na pobreza, a despeito da ascendência nobre (ATWOOD, 2014).

Louise foi responsável pela sofisticada organização da Rede Alice, formada por operadores de rádio, especialistas em química, fotógrafos, informantes infiltrados, observadores de tropas e guias que traziam refugiados pelas fronteiras. Tratando as perseguições alemãs como se fosse um jogo, dizia ela: “Bah! Eu sei que vou ser pega um dia, mas terei servido. Vamos nos apressar, [...], e fazer muito bem as coisas enquanto ainda é tempo” (ATWOOD, 2014, p. 72- 75, tradução nossa).

Apesar de Louise ter sido presa, a Rede Alice forneceu informações importantíssimas para vitórias inglesas na guerra, e seus serviços foram classificados como inestimáveis pelos oficiais ingleses. Tristemente, Louise morreu na prisão em 1918, em decorrência de uma operação malsucedida para a retirada de um tumor (ATWOOD, 2014).

#### **4 AGENTES SECRETAS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

Tamanho esforço, sacrifício e empreendimento por parte das mulheres não resultou numa mudança quanto ao papel social atribuído a elas. Muitos dos trabalhos eram realizados por salários pífios ou em troca de uma refeição – sendo bom lembrar a carestia gerada pela guerra em algumas regiões da Europa. Além disso, segundo Thebaud (1991), a guerra, no campo simbólico, não consolidou as capacidades femininas, mas reafirmou os mitos da mulher salvadora e consoladora.

Da mesma forma, as ocupações de espaços sociais decorrentes da Primeira Grande Guerra não foram permanentes. A visão de que as atividades exercidas pelas mulheres durante o conflito não eram “naturais”, além da exigência dos homens que retornaram da batalha em terem seus empregos e esposas de volta – nos moldes anteriores – gerou uma retração tanto nos direitos quanto nos espaços até então ocupados. Assim, o que veremos na Segunda Guerra é um processo relativamente semelhante ao que se deu na Primeira (ALMEIDA; JESUS, 2016).

Porém, na Inglaterra, o primeiro-ministro Winston Churchill se via em situação crítica. Após tomar a França, em junho de 1940, Hitler estava de posse de boa parte da Europa, e deixava isoladas as ilhas britânicas. Assim, além da resistência aérea e marítima, Churchill buscou enfraquecer os adversários combatendo também atrás das linhas inimigas, fomentando as resistências locais na forma de espionagem, sabotagem e guerrilha. Para isso, criou uma divisão especial chamada *Special Operations Executive* (SOE).

Aquela não era uma experiência totalmente nova. O início da carreira Churchill na Marinha Real se deu no auge do Império Britânico, cuja estratégia de domínio militar nas colônias se dava por meio de jovens e bem-educados oficiais ingleses, com amplo domínio do idioma e da cultura local. Eles comandavam unidades formadas justamente por nativos, cujo conhecimento da geografia e das táticas locais de combate complementava a formação dos oficiais. Adaptando esta mesma ideia, a intenção de Churchill era “incendiar a Europa” por meio dos grupos locais de resistência e partisans, liderados pelos agentes secretos britânicos recrutados pelo SOE (KEEGAN, 1995).

E é das fileiras do SOE que surgem mulheres em atos de heroísmo e bravura, como a neozelandesa Nancy Wake. Após fugir de casa aos 16 anos, Nancy trabalhou como enfermeira na Austrália, indo então para Nova Iorque, Londres e Paris, cidade na qual atuou como jornalista a partir de 1932. Visitou Viena e Berlim, ficando abismada com a violência expressa pelo nazismo. Quando os alemães invadiram a França, ela se juntou à Resistência Francesa com o marido, Henri Fiocca, ajudando na fuga de prisioneiros e refugiados aliados (ATWOOD, 2011; AUSTRALIAN WAR MEMORIAL, [2022]).

Após enganar investigadores da Gestapo, que a apelidaram de “rata branca” pela dificuldade de capturá-la, Nancy Wake fugiu para Londres. Lá, foi recrutada pelo SOE, onde se destacou pelas suas capacidades físicas e de tiro durante o treinamento. Wake voltou a França em abril de 1944 para ajudar a organizar a Resistência antes do Dia D. Suas atividades incluíam fornecimento de armamentos e explosivos, treinamento de grupos da Resistência Francesa, além de combate direto contra tropas alemãs. Após a libertação da França, Nancy descobriu que seu marido havia sido morto pela Gestapo, em agosto de 1943. Em setembro de 1944, foi para o quartel-general da SOE em Paris, e depois para Londres, em meados de outubro. Após a guerra, foi laureada com uma série de condecorações: Medalha George, 1939-45 Star, France and Germany Star, Defense Medal, British War Medal 1939-45, French Officer da Legion of Honor, French Croix de Guerre com Star e duas Palms, US Medal for Freedom with Palm e a francesa Medaille de la Resistance por seus esforços corajosos (ATWOOD, 2011).

Violette Szabo foi outra agente do SOE, que se tornou famosa a ponto de inspirar o game *Velvet Assassin*, publicado pela Replay Studios em 2013. Szabo era uma jovem espirituosa, fatalista, avessa a trabalhos domésticos, com desempenho superior ao dos seus irmãos, na prática de esportes. Em 1942, após a morte do marido, que era oficial da Legião Estrangeira, foi recrutada pelo SOE devido ao domínio do idioma francês, à familiaridade com armas de fogo – aprendida com seu pai – e à experiência no Auxiliary Territorial Service (Serviço Territorial Auxiliar, corpo auxiliar do Exército britânico, destinado a mulheres) (VIOLETTE SZABO MUSEUM, c2015).

Durante o treinamento, Violette aprendeu a combater a curtas distâncias com facas, bem como manejar as pistolas e as metralhadoras utilizadas pelos nazistas. Outras habilidades adquiridas foram as de instalar explosivos, técnicas de infiltração, disfarces, comunicações reservadas e paraquedismo – muitos agentes eram lançados de avião atrás das linhas inimigas. Apesar da bravura e talento para o combate, os oficiais do SOE consideravam que Violette não tinha uma inteligência acima da média, carecia de criatividade, era instável, temperamental e fatalista. Após uma missão bem-sucedida – na qual se destacou – Violette acabou sendo capturada. Foi executada com um tiro na nuca em 1945, no campo de concentração Ravensbrück. Tinha apenas 24 anos (VIOLETTE SZABO MUSEUM, c2015).

Pearl Witherington foi mais uma daquelas agentes do SOE. Filha de um pai alcoólatra que desperdiçou o dinheiro da família e posteriormente a abandonou, Pearl tomava as rédeas da casa desde pequena. Falava francês fluentemente – a família havia se mudado da Inglaterra para a França – e chegou a trabalhar na embaixada Britânica. Mas, devido à invasão alemã, teve que fugir com a mãe e as irmãs de volta para a Inglaterra (ATWOOD, 2011).

Lá, ela se alistou na Força Aérea Auxiliar Feminina (WAAF), onde trabalhou como secretária. Mas ansiava por algo mais ativo na luta contra o nazismo, que tanto repudiava, e conseguiu ser recrutada pelo SOE, que aproveitou seu conhecimento do idioma e cultura francesa. Foi indicada para trabalhar como uma mensageira disfarçada de vendedora de cosméticos, numa das células da Resistência Francesa, a qual passou a chefiar após a morte do líder anterior. Sob sua liderança, o grupo efetuou uma série de operações contra tropas alemãs, atacando soldados, destruindo ferrovias e cortando linhas de comunicação. Além disso, as informações fornecidas à Royal Air Force permitiram o ataque a um trem de 60 tanques, com destino à Normandia (ATWOOD, 2011).

Até aqui, estamos no campo operacional da sabotagem, guerrilha e guerra irregular. Mas o SOE também tinha atribuições de coleta de dados para Inteligência, embora não fosse sua atribuição exclusiva. Para o trabalho específico de espionagem, Marie-Madeleine Fourcade foi outra dentre as mulheres recrutadas, e o foi especificamente pelo seu gênero: “Eu sou apenas uma mulher!” teria retrucado. “Por esta razão, ninguém desconfiará de você” ouviu do oficial que a recrutou (ATWOOD, 2011, p. 62, 67, tradução nossa).

Sua primeira missão foi dividir a zona desocupada da França em seções, a fim de recrutar e enviar agentes cuja função era observar os movimentos das tropas alemãs e repassá-las para a Sede da Resistência Francesa, em Londres. Aquela rede de quase 3.000 espiões, organizada por Marie-Madeleine, foi chamada Aliança e, mais tarde, de “Arca de Noé”, pois seus componentes recebiam alcunhas de animais. Quando o chefe da rede foi preso, os próprios membros elegeram Marie-Madeleine para coordená-la (ATWOOD, 2011).

Os espões da Aliança eram tão numerosos e bem-sucedidos que finalmente chamaram a atenção dos alemães. Com a captura de alguns deles, os segredos da Arca de Noé foram vazando. A própria Marie-Madeleine foi presa, mas conseguiu escapar da prisão escorregando seminua pelas grades e alertando outro membro da rede antes que os alemães o prendessem. Ela voltou ao trabalho de espionagem, proporcionando aos Aliados informações sobre os movimentos de tropas alemãs, a localização de arsenais de armas, a natureza das novas bombas voadoras V-1 e as V-2, e um mapa detalhado mostrando as localizações das defesas alemãs em parte da costa da Normandia. Por todos estes feitos, Marie-Madeleine foi feita membro da *Légion d'honneur* pelo Governo francês e membro da Ordem do Império Britânico (ATWOOD, 2011).

Outra figura de destaque, operando tanto na área de informações quanto de operações secretas, foi Virginia Hall. Norte-americana de Baltimore, ela desfrutou de excelente educação, formando-se na Universidade de Columbia. Falava alemão e francês, tendo estudado na Alemanha, na França e na Áustria. Esta formidável formação lhe valeu um cargo na embaixada americana em Varsóvia, com cerca de 20 anos. Contudo, não conseguiu ingressar na carreira diplomática por ser mulher. Para piorar, Virgínia atingiu a própria perna com um tiro enquanto caçava, acidente que a deixou manca e destinada a usar uma prótese (ATWOOD, 2011; PURNELL, 2019).

Ela estava na França quando a guerra eclodiu, e colaborou no esforço de guerra dirigindo ambulâncias para o Exército Francês. Quando os alemães chegaram, fugiu para a Espanha, e lá foi recrutada por um agente britânico. Após o treinamento, Virginia foi reenviada a França, onde estabeleceu uma das redes de espionagem mais significativas da guerra: recrutou informantes, instalava e operava escutas eletrônicas, fornecia apoio à Resistência Francesa e auxiliava na fuga de pilotos americanos e ingleses, cujos aviões caíam em território inimigo.

Ajudada por Germaine Guérin, uma cafetina de Lyon, Virgínia não apenas providenciava abrigos para agentes, partisanos e foragidos, mas também obtinha informações das meretrizes de Guérin, que dormiam com oficiais alemães. Aqui retomamos a questão da *sexpionage*, atividade na qual as meninas de Germaine Guérin não estavam sozinhas. Em Berlim havia um requintado bordel dirigido por Kitty Schmidt, cafetina que foi obrigada pela Inteligência alemã a transformar seu estabelecimento num centro de espionagem. As meretrizes foram treinadas para reconhecer os uniformes militares dos clientes, identificando país, patente, unidade, condecorações, etc.<sup>2</sup>. Além disso, o *Sicherheitsdienst* (SD), órgão de Inteligência nazista, instalou microfones escondidos nos quartos e uma sala de audição no porão, onde um oficial nazista monitorava as conversas (WEST, 2009).

---

2 A tentativa de transformar um bordel num centro de espionagem foi retratada no filme *Salon Kitty*, de 1976 (direção de Tinto Brass).

Mas voltemos à Virginia Hall. A desenvoltura desta mulher levou aos alemães e colaboradores franceses, frustrados por jamais conseguirem capturá-la, a chamarem-na de “a dama que manca”. O comandante da Gestapo na região, Klaus Barbie, conhecido como “o carniceiro de Lyon”, empreendeu todos os esforços contra ela, e a partir de 1942, com o cerco se fechando, Virginia fugiu atravessando os montes Pirineus, em meio à neve e arrastando sua prótese de madeira. Da Espanha ela conseguiu chegar a Londres, mas estava decidida a voltar para a França. Diante da recusa do SOE, devido ao risco, o *Office of Strategic Services* – Escritório de Serviços Estratégicos, precursor da CIA – a recrutou com a patente de segundo tenente. De volta a França, em 1944, auxiliou nos preparos para o Dia D, disfarçada como velha de cabelos grisalhos e dentes afiados, ocultando sua condição manca com o arrastar de pés de uma idosa. Ao fim da guerra, Virginia Hall foi condecorada com a Cruz de Serviços Distintos e a Coirx de Guerra, e nomeada membro honorário da Ordem do Império Britânico (ATWOOD, 2011; PURNELL, 2019).

Este trabalho específico de coleta de dados, que é a espionagem em si, nos leva a outras mulheres em posições-chave. Em atividade análoga à espionagem glamorosa midiaticizada na figura de Mata Hari, a atriz russa Olga Tschechowa não apenas usava sua influência entre os nazistas, como chegou a participar de um plano para matar Hitler. Olga, cujo trabalho como espiã foi abordado por Beevor (2004), era constantemente vista ao lado do Fuhrer, e durante a Segunda Guerra Mundial, fez filmes de propaganda produzidos por Joseph Goebbels. Bonita, elegante e educada na corte russa pré-revolucionária, foi cortejada por Herman Göring, o chefe da Luftwaffe, e por Joseph Goebbels, que a chamava de “a dama encantadora”, laureando-a com o título de Atriz Estatal Alemã em 1936.

Tudo isso ocultava o ódio que Olga sentia pelo regime nazista, o qual precisava manter em oculto para esconder que o pai de sua filha era judeu. Devido à excelente relação com homens do alto escalão do Reich, foi recrutada pelos soviéticos. Chegou a ser cotada para um plano de assassinato de Hitler quando este visitasse a União Soviética (URSS), caso os alemães conquistassem o país. E efetivamente teria participado também de outro plano russo para matar Hitler, em 1940, com ajuda de seu irmão, o compositor russo – e agente infiltrado – Lev Knipper. O plano, porém, foi abortado a mando do próprio Joseph Stalin.

Em 1945, desconfiado de Olga, Heinrich Himmler, líder da SS, decretou a prisão da atriz, que foi salva pelo próprio Hitler. Ela veio de fato a ser presa, mas pelo exército russo, quando este chegou à Alemanha. Quando seu status de agente secreta foi descoberto, foi libertada e recebeu uma ajuda financeira do governo russo para retornar à Alemanha.

Outra atriz-espiã foi Josephine Baker (ATWOOD, 2011). Norte-americana naturalizada francesa, era uma dançarina famosíssima em Paris, além de cantora e atriz. A sensualidade com que dançava e fascinava seu público é um paralelo com Mata Hari, mas, quando a França foi invadida, sua participação na Resistência francesa foi mais significativa.

Devido à fama, Josephine frequentava os salões e festas das embaixadas espalhadas pela Europa, convivendo com diplomatas, figurões e oficiais de alta patente. Foi então recrutada pelo *Deuxième Bureau*, da França. Ela usava de conversas e jogos de sedução para coleta de dados. Além disso, escondia nas roupas íntimas fotos e anotações de tinta invisível, produzidas por um agente chamado Jacques Abtey que, disfarçado de músico, lhe acompanhava. Riquíssima graças à carreira artística, fugiu para seu castelo na França não ocupada, devido à proibição de apresentações de artistas negros por parte de Goebbels, e transformou o palácio em locação secreta para a Resistência Francesa (ATWOOD, 2011).

Infelizmente, por ser negra, Josephine não podia frequentar as altas rodas nos EUA. Ao fim da guerra, passou a lutar no Movimento dos Direitos Civis, chegando a discursar ao lado de Martin Luther King na Marcha de Washington (ATWOOD, 2011).

Até aqui estamos diretamente no campo da coleta e da análise de informações. Isso não se restringia à espionagem, mas também envolvia o uso de mensagens secretas, rádios transmissores e criptoanálise avançada, que se tornaram altamente sofisticadas e especializadas durante a II Guerra Mundial. Na Inglaterra, jovens mulheres aristocráticas e de classe média foram recrutadas nas universidades britânicas pelas suas capacidades de decifração e também por formação avançada em matemática, física ou engenharia. O MI-6 – inteligência britânica – fomentou uma instalação de um centro de pesquisa chamado de Bletchley Park, prevendo que decifração de códigos seria fundamental para a guerra (KEEGAN, 1995). Tal prognóstico se mostrou acertado com a decifração da máquina Enigma, permitindo à marinha inglesa conhecer as rotas e localizações de navios alemães, afundando-os.

Joan Clarke foi fundamental neste processo. Graduada pela Newnham College, ligada à Universidade de Cambridge, formou-se com honras em matemática. Foi recrutada por Gordon Welchman, matemático e pesquisador de Cambridge que já trabalhava em Bletchley e ficou impressionado com as capacidades de Joan. Welchman coordenava uma equipe focada em decodificar a sofisticadíssima máquina Enigma, que criptografava as mensagens alemãs. O trabalho de Joan na decodificação foi tão indispensável que ela chegou a liderar a equipe a partir de 1944 (LORD, 2008).

Entre os soviéticos, a Orquestra Vermelha operava na Bélgica, França e Holanda. O grupo recebeu este nome por parte da Abwer - inteligência militar alemã -, sendo encabeçada por Leopold Trepper - militante comunista e professor de História - e Richard Sorge – jornalista e militar alemão. Ambos trabalhavam para a inteligência soviética, constituindo redes de espionagem conectadas por intensas e numerosas transmissões de rádio (VOLKMAN, 2013).

A Orquestra Vermelha empregou várias mulheres na atividade de Inteligência. Rita Arnould era uma militante comunista de família judia, formada em filosofia, que administrava o esconderijo de Anatoly Markovich Gurevich — um dos subordinados

de Tepper — e servia como mensageira entre outros agentes. Uma delas era Zofia Poznańska, judia polonesa com amplo histórico de militância comunista na Polônia e na Palestina, se tornando uma especialista em criptografia na célula de Gurevich. Como Rita e Zofia, Malvina Gruber também era uma judia. Nascida na Tchecoslováquia, transportava secretamente os espiões pela Bélgica ocupada pelos nazistas (BRYSAK, 2000; GINSBERG, 2013; PERRAULT, 1970).

Na Suíça, as redes de espiões soviéticos eram chefiadas por Maria Poliakova. De família judia, ela estudou no exterior, aprendendo francês e alemão. Participou da Internacional da Juventude Comunista e do Comitern, sendo recrutada para o trabalho de Inteligência em 1931, e lotada na Suíça em 1937. Foi também na Suíça que a famosa Ursula Kuczynski, cuja carreira foi descrita por Macintyre (2020), operava rádios, colaborou com células de espionagem e auxiliou a formação de um grupo de resistência e sabotagem em Danzing. Após fugir para a Inglaterra, Ursula — codinome Sonia — espionou os ingleses e conseguiu penetrar o Escritório de Serviços Estratégicos (*Office of Strategic Services* – OSS), infiltrando comunistas entre os alemães exilados que seriam enviados de paraquedas de volta à Alemanha (“*Too/ Missions*”). Sua contribuição mais relevante para os soviéticos — e determinante para a Guerra Fria — foi atuar como mensageira para os “espiões atômicos” da URSS, Klaus Fuchs e Melita Norwood, que vazavam dados sobre a produção de bombas atômicas por parte dos EUA.

Tanto Maria Poliakova quanto Ursula Kuczynski eram oficiais da GRU — Inteligência Militar Soviética — que chegaram à patente de Coronel. Vale lembrar que os soviéticos admitiam mulheres como pilotos de caça, franco-atiradoras e soldados de infantaria. Para se ter uma ideia, Virginia Hall só recebeu a patente de segundo tenente quando retornou a França em 1944, e era frequentemente desafiada em sua autoridade (PURNELL, 2019). Por outro lado, os expurgos levados a cabo pela paranoia do terror stalinista não pouparam Maria, levando seu pai e irmão à morte, acusados de traição (WEST, 2009).

## 5 AS DEMANDAS DE RECRUTAMENTO E EMPREGO

Sintetizada nos tópicos anteriores, a presença destas mulheres nas missões secretas empreendidas pelas potências envolvidas nas grandes guerras se explica, como vimos, pelas demandas sociais e técnicas em relação à espionagem e operações atrás das linhas inimigas, oriundas das especificidades da Primeira e da Segunda Guerra Mundial. Consideramos, e sustentamos aqui, que esta é uma explicação geral plausível. Mas também é um ponto de partida para analisarmos as “[...] características comuns do passado de um grupo de atores na história através do estudo coletivo de suas vidas [...]” (STONE, 1971, p. 115, tradução nossa), neste caso, as razões de recrutamento destas mulheres, tendo em tela suas atribuições dentro dos serviços secretos nos quais trabalharam. Como estes dados se encontram



bem documentados nas biografias e nos contextos dos conflitos mundiais, temos nelas informações importantes acerca das trajetórias destas agentes e variantes histórico-sociais que somam aspectos qualitativos à análise prosopográfica (COLES; NETTING; O'CONNOR, 2018; MONTEIRO, 2014).

Pois bem, o trabalho de Inteligência consiste na produção de conhecimento na forma de um ciclo, no qual uma série de objetivos são traçados, coletando-se dados em relação a estes objetivos, processando-se estes dados e submetendo-os a análises especializadas. Este esquema, em tudo conceitual e abstrato, é chamado de Ciclo de Inteligência (CEPIK, 2003) e nos permite compreender de forma mais específica as funções desempenhadas por estas mulheres.

No estágio inicial do processo, informantes, contatos, escutas, grampos e interceptações compõem alguns dos métodos de coleta de dados. Esta foi a incumbência de Mata Hari, de Josephine Baker e de Olga Tschechowa. Também foi o caso das meretrizes de Germaine Guérin e de Kitty Schmidt. Quanto a Virginia Hall, Maria Poliakova e Ursula Kuczynski, falamos de agentes de Inteligência profissionalmente treinadas, com a incumbência de formar suas redes de espionagem, isto é, recrutar informantes, instalar escutas e rádios comunicadores.

Acerca deste processo de coleta de dados por meio de informantes, Michal Herman (1996) propõe uma ilustração na forma de uma pirâmide, cuja base é formada por fontes fornecedoras de dados menos significativos, reservando o topo para as fontes capazes de fornecer dados potencialmente mais valiosos e confiáveis. Seguindo o conceito de Herman, na base na pirâmide estão viajantes – turistas, marinheiros e outros – refugiados, especialistas, contatos no mundo dos negócios e informantes casuais. Na parte intermediária da pirâmide estão populações de territórios ocupados, prisioneiros de guerra interrogados, agentes secretos ocasionais e políticos que fazem oposição ao inimigo. Próximo ao topo, temos os agentes de Inteligência propriamente ditos, sobre os quais também figuram os agentes de órgãos de Inteligência adversários, funcionários de departamentos do governo concorrente – gerais, diplomatas, membros de comissões científicas e outros – e componentes de grupos clandestinos que secretamente trabalham para a Agência.

Tomando a definição conceitual de Herman, Virginia Hall, Maria Poliakova e Ursula Kuczynski compõem o topo da pirâmide pelas suas atribuições de agentes de campo. Maria e Ursula foram alistadas sem problemas na Inteligência Militar Soviética, o que inclusive se deu em outras áreas militares da URSS, como aviação e infantaria, enquanto Virginia foi recrutada pela combinação de habilidades específicas (conhecimento do idioma e cultura francesa) com a recusa de homens em se oferecer para um trabalho tão arriscado. Josephine Baker e Olga Tschechowa também ocupam o topo da pirâmide, enquanto agentes com relações vantajosas entre os inimigos, sendo justamente estas relações sociais que elas mantinham com chefes de Estado (políticos, gerais e diplomatas) a razão de terem sido recrutadas

como espãs. E foi o suposto potencial para alcançar justamente estes tipos de alvos por meio da *sexpionage* que levou ao recrutamento da dançarina Mata Hari, colocando-a no meio da pirâmide como uma agente secreta ocasional.

Os dados coletados por estas e outras fontes são arquivados e analisados em tela por uma série de especialistas. Por fim, esta análise passa por um conselho interdisciplinar que irá produzir uma opinião para o comandante ou governante. Entre analistas e oficiais de Inteligência, temos o trabalho de Elsbeth Schragmüller, a mulher de posto mais alto dentre todas as citadas neste artigo, responsável por submeter à análise conjuntural toda a Inteligência coletada pelo Exército Alemão, além de gerenciar a formação dos próprios agentes de Inteligência enviados por toda a Europa. A posição de Elsbeth não é mera coincidência, pois além da sagacidade e formação intelectual exemplar desta mulher, a Alemanha foi o país mais acelerado no processo de inclusão de mulheres nos poros abertos pela guerra (NEVES, 2015). No caso de Gertrude Bell, sua função era prestar assessoria por meio de uma leitura histórico-social do Oriente Médio, além utilizar os amplos contatos na região para coleta de dados, sendo exatamente sua reputação como conhecedora do Oriente Médio e estes contatos que a levaram ao trabalho de Inteligência.

No caso de Joan Clarke, sua função no trabalho de análise era decodificar e interpretar dados obtidos por interceptação de sinais, revelando mensagens estratégicas trocadas pelos alemães durante a Segunda Guerra. Entre os soviéticos, Zophie Poznańska tinha a incumbência criptográfica na Orquestra Vermelha. Não parece que os soviéticos tinham problemas em empregar mulheres como os ingleses, que somente as admitiram quando a demanda por cérebros era proporcional a capacidade intelectual das meninas recrutadas para Bletchley. De qualquer forma, era a formação intelectual e a mente matematicamente analítica tanto de Joan quanto de Zophie que as tornaram valiosas para a atividade de Inteligência.

Complementa este trabalho uma série de atividades transversais que também demandam o segredo. É o caso de auxiliares, falsificadores, sabotadores e demais atividades de contravenção. Aqui é necessário fazer um corte entre Produção de Inteligência e missões de caráter secreto, como assassinatos, sequestros, sabotagem, fomento a guerrilhas, conflitos irregulares e propaganda, que são atividades diretas contra um alvo, não quebra de segredos ou produção de conhecimento (CEPIK, 2003; RADSAN, 2009). Operações sigilosas destes tipos recorrentemente são empregadas por Serviços Secretos e Agências de Inteligência devido à capacidade alocada destas instituições, e muitas vezes estão estreitamente relacionadas justamente à questão do segredo e da informação.

Tais operações eram funções de Virginia Hall, Maria Poliakova e Ursula Kuczynski, ou seja, reunir, treinar, incentivar e armar focos de resistências. Da mesma forma, Gertrude Bell utilizava seus contatos para orientar as tribos árabes locais e fazer com que lhes chegassem armas. Sem isso o famoso Lawrence das Arábias estaria desprovido de capacidade básica de combate. Mas, ainda assim,

o foco principal do trabalho delas estava relacionado a obter informações. Era especificamente diferente de Edith Cavell e seu empenho no resgate de soldados feridos, e tanto de Rita Arnould quanto de Malvina Gruber, cujos serviços eram apoio à resistência e à coleta de dados, não de confronto e coleta em si.

De outro lado, Pearl Witherington Nancy Wake e Violet Szabo também tinham atribuições de espionagem, mas a principal missão destas agentes era relacionada ao confronto contra os nazistas atrás das linhas inimigas, sabotando, atuando por meio de guerrilha, recrutando, treinando e armando membros da resistência. Estas mulheres foram aceitas relutantemente pelo SOE pela mesma razão que Virginia foi aceita: domínio de idioma, conhecimento local e disposição para o sacrifício. Ironicamente, Pearl, Nancy e Violet – e tantas outras jovens do SOE – teriam atribuições semelhantes as de algumas unidades de Operações Especiais de várias Forças Armadas de hoje, destinadas à sabotagem e guerra irregular. Muitas das quais, vetam seu acesso ao gênero feminino.

Em suma, estes dados não permitem nenhuma afirmação quantitativa acerca do trabalho feminino nos Serviços Secretos durante os dois conflitos mundiais, e nem é o que pretendemos. Mas uma análise coletiva destas biografias nos permite demonstrar que:

- a) ao contrário do insistente clichê, houve mulheres desempenhando funções totalmente distintas da *sexpionage* nestes conflitos, que nada tiveram a ver com sedução. Isso se verifica em 19 dos casos abordados, excetuando Mata Hari, Germaine Guérin e Kitty Schmidt;
- b) a necessidade de formações intelectuais e competências específicas, na forma de domínio de idiomas, história local, ciência política, matemática avançada, física e engenharia, se impusera inexoravelmente sobre os papéis de gênero estabelecidos naqueles contextos, forçando o recrutamento das mulheres que dispunham de tais habilidades, a despeito do desconforto e inicial negativa nos ambientes patriarcais demandantes. Foi o caso de Elsbeth Schragmüller, Gertrude Bell, Joan Clarke, Pearl Witherington, Nancy Wake, Violet Szabo e Virginia Hall;
- c) a ausência de homens suficientes para todos os cargos, fosse por estarem no *front*, fosse por não disporem das habilidades necessárias, fosse simplesmente por medo de se voluntariar, agravou a demanda mencionada no tópico anterior;
- d) o espaço social ocupado por algumas mulheres podia ser decisivamente estratégico para encobrir atividades secretas e/ou conceder acesso a alvos importantes, o que se verifica com Edith Cavell, Gertrude Bell, Josephine Baker, Marthe Cnockaert e Olga Tschechowa;
- e) mulheres atuaram com relevância em confrontos irregulares, sabotagem e guerrilha, como se verifica nos casos de Pearl Witherington, Nancy Wake, Virginia Hall e Violet Szabo; e
- f) as possibilidades de ascensão e reconhecimento institucionais na atividade de Inteligência eram maiores para uma mulher no caso da União Soviética, como se verifica nas trajetórias de Maria Poliakova e Ursula Kuczynski.

## 6 MOTIVAÇÕES DA GUERRA E “AS NECESSIDADES SECRETAS DO CORAÇÃO”

Até aqui, a amostragem permitiu averiguar as demandas que abriram espaços para que mulheres se envolvessem ativamente com as atividades de Inteligência e operações sigilosas, durante os conflitos mundiais. Mas a busca pelo rosto humano das pessoas comuns na guerra (SOARES; VAINFAS, 2012) nos leva também a analisar a trajetórias destas mulheres pelos seus próprios dramas e expectativas. Trata-se, mesmo com todos os hermetismos que impõem a alma humana, de compreender, ao menos aproximadamente, o que Marc Bloch (2002) chamou de “os impulsos do coração”.

Analistas do campo da Inteligência têm buscado compreender as razões que levam uma pessoa a envolver-se com a espionagem. Henry Crumpton (2013), Michael Herman (1996), David Charney e John Irvin (2014) agrupam estas possíveis motivações no acrônimo MICE: *money, ideology, compromise/coercion, ego*. Charney e Irvin (2014) incluem também a questão da vingança e ressentimento. Por outro lado, Herman (1996) chama a atenção para o fato de que estas são categorias muito gerais, sendo as motivações pessoais complexas e envolvendo mais de um ou todos estes fatores.

Assim, consideramos que, mesmo que nem todas estas mulheres se empenhassem na espionagem em si, este pode ser um ponto de partida para compreendermos o envolvimento delas com os Serviços Secretos, sem que necessariamente as enquadremos num único aspecto do acrônimo, mas dele nos utilizemos para melhor compreendê-las.

No tocante ao dinheiro, nenhuma das personagens listadas demonstra ganância financeira em suas biografias. Mas o “M” do acrônimo não se restringe a isso, incluindo dificuldades financeiras, tratamento médico, melhor educação e assim por diante. Louise de Bettignie vinha de uma família financeiramente decadente apesar do bom nome, e o dinheiro pesou em sua escolha para trabalhar para os britânicos ao invés dos franceses. Rita Arnould, por exemplo, precisava da ajuda de seu amante, Isidor Springe, para se sustentar, e teria sido Springe a inseri-la no jogo da espionagem. Joan Clarke trabalhava em Betchley também por questões profissionais de ordem financeira (LORD, 2008). Elsbeth Schragmüller chegou a patente de primeiro tenente e efetivamente trabalhava no setor de Inteligência do Estado-Maior do Exército Alemão na França. Gertrude Bell recebia soldo de major (VOLKMAN, 2013) e o mesmo é válido para Maria Poliakova (WEST, 2009) e Ursula Kuczynski (MACINTYRE, 2020), que eram oficiais do Exército Vermelho. Mata Hari também era uma espiã remunerada.

Por outro lado, a ideologia, entendida aqui como um conjunto compartilhado de crenças sobre como o mundo é ou deveria ser, e que confirma crenças conscientes ou inconscientes que o indivíduo já internalizou (CHARNEY; IRVIN, 2014), foi fator determinante entre quase todas estas mulheres. No caso da crença

no sacrifício e contribuição para com a pátria, temos Edith Cavell, que assumiu com orgulho seus atos mesmo depois de capturada (ATWOOD, 2014). Gabrielle Petit, inicialmente motivada pelo encontro com o noivo e pelo desejo de aventura, despertou sentimento pela defesa de sua nação, mantendo-o até sua execução. Marthe Cnockaert era uma patriota convicta, declarando-se publicamente assim no tribunal inimigo que a sentenciou a morte. O mesmo se deve dizer de Gertrude Bell e seu empenho em vencer a guerra no Oriente Médio para seu país, além de apoiar os árabes a quem tanto admirava. Germaine Guérin uniu-se à Resistência Francesa por contra própria, convicta de enfrentar nazistas após salvar soldados Aliados e judeus (PURNELL, 2019). É o mesmo caso de Josephine Baker, apaixonada que era pela França, além de, também, ferrenha defensora dos direitos civis, dos quais os nazistas eram algozes. No esteio deste sentimento de empenho contra o nazismo, Malvina Gruber era nascida na Tchecoslováquia, e, como Rita Arnould, era judia, razões mais que suficientes para explicar um esforço contra Hitler. O sentimento antinazista também movia Olga Tschecowa, e Zofia Poznańska era uma convicta militante comunista desde jovem.

Quanto à Marie-Madeleine Fourcade, Maria Poliakova, Pearl Witherington, Nancy Wake, Ursula Kuczynski, Violette Szabo e Virginia Hall, seus esforços e sacrifícios não podem ser encaixados em outra definição que senso de dever para com seu país. Por fim, não se pode dizer de forma alguma que Joan Clarke e Elsbeth Schragmüller eram meras carreiristas em busca de ascensão profissional, até porque tal ascensão não existia para mulheres. Até Louise de Bettignie, que precisava do dinheiro que recebia como agente, não condicionou sua atuação às verbas nem arrefeceu diante do perigo, mesmo percebendo que cedo ou tarde seria capturada.

Por outro lado, o compromisso e a coerção, envolvem amarrar o indivíduo à atividade de espionagem mediante acordo ou alguma forma de obrigação – como ameaças ou chantagens. Como vimos, Rita Arnould dependia do amante que a recrutara para a Orquestra Vermelha, e é difícil imaginar que ela tivesse uma ampla gama de escolhas, ainda mais por ser judia. Quanto à Katharina Zammit, fora pega por enviar dinheiro para bancos britânicos a fim de auxiliar refugiados, e assim, obrigada a permitir que seu bordel se tornasse uma locação para *sexpionage* e vigilância eletrônica (WEST, 2009).

Já o ressentimento, este é encontrado na impetuosa Violette Szabo. Casada com apenas 19 anos, perdeu o marido pouco menos de um ano depois, durante a guerra. Isso a teria levado a aceitar o convite para trabalhar no SOE (VIOLETTE SZABO MUSEUM, c2015). Parece lógico concluir também que algum grau de ressentimento movia judias cujos países foram ocupados, como Malvina Gruber e Rita Arnould.

Por fim, chegamos ao *ego*, na forma do desejo por desafio, aventura e emoção, além de descontentamento com o cotidiano e narcisismo (CHARNEY;

IRVIN, 2014). Este sem dúvida foi o caso da narcisista Mata Hari, que tinha gosto pela aventura, pelo exótico e pelos jogos de sedução. Mas Violette Szabo também demonstrava traços de motivação egoica: jovem e vívida, Violette detestava afazeres domésticos, competia – e vencida – seus irmãos em atividades físicas e demonstrava um comportamento fatalista, ansioso, inconsequente. O trabalho de agente secreto atrás das linhas inimigas era uma forma de satisfazer seus desejos. Gabrielle Petit atuava na guerra pelo amor não correspondido do noivo, mas também pelo temperamento audaz e indolente, que fazia do trabalho de espionagem algo excitante para ela: “Em nenhum momento fui mais feliz” confessou (ATWOOD, 2014, p. 61). E Pearl Witherington embora uma patriota que colaborava na Força Aérea Auxiliar Feminina, considerava seu trabalho burocrático tedioso, ansiando ir para campo atuar diretamente contra o inimigo.

Antes de passarmos à conclusão, chamamos a atenção para a motivação ideológica. A amostragem exposta pela prosopografia aqui operada não permite a alegação generalizada, como alertam Coles, Netting e O’Connor (2018), de que esta foi a motivação mais comum entre as mulheres que serviam aos Serviços Secretos das Grandes Guerras. Mas permite destacar, pelas trajetórias de Edith Cavell, Gertrude Bell, Germaine Guérin, Josephine Baker, Malvina Gruber, Rita Arnould, Maria Poliakova, Nancy Wake, Olga Tschecowa, Ursula Kuczynski, Virginia Hall e Zofia Poznańska, que a ideologia foi um motivador poderoso em vários casos, que iam além da retórica. Principalmente em tempos catastróficos, quando a própria pátria era ocupada pelo inimigo, sofria-se perseguição étnica e contemplavam-se os horrores da guerra.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vicissitudes e incertezas dos conflitos mundiais, derivadas de um contexto de avanço tecnológico das comunicações e de transformações sociais acerca do papel da mulher – antes e durante os confrontos – estabeleceram uma demanda que alargou os espaços dos Serviços Secretos das potências envolvidas na Primeira e Segunda Guerra. Com os homens combatendo no *front* ou se recusando a envolver-se nos horrores da guerra, a voluntariedade de mulheres corajosas se somou aos contatos, status, formação intelectual e/ou capacidade de combate, tornando-as indispensáveis para operações de resgate, sabotagem, guerrilha, fornecimento de armas, coleta e análise de informações.

A coragem, posição social e formação intelectual/paramilitar destas mulheres, extrapolando a prática da *sexpionage* e a caricatura da *femme fatale*, concederam a algumas delas cargos de chefia ou reconhecimento. E estas fissuras expõem a contradição da construção de gênero no tocante ao trabalho de espionagem e operações secretas: mulheres foram aceitas nos trabalhos da guerra, da diplomacia

e do policiamento, instituições tipicamente masculinas, justamente devido à recusa, incapacidade ou indisponibilidade de homens para exercê-los.

Em suma, a “disputa pelo segredo” nas Guerras Mundiais demandou pessoas das mais variadas, em posições sociais estratégicas e/ou com habilidades específicas, de modo que um Serviço Secreto que recrutasse seus ativos sob filtros de gênero teria alcance e opções severamente reduzidas para o cumprimento de suas missões. Os mesmos homens que consideravam que a guerra e a diplomacia não cabiam às mulheres dependeram de muitas delas para obterem informações, armas, contatos, apoio em combate direto ou, simplesmente, abrigo, enquanto fugiam do inimigo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Izis Furtado; JESUS, Cassiano Celestino. O Movimento Feminista e as redefinições da mulher após a Segunda Guerra Mundial. *Boletim Historiar*, São Cristóvão, n. 14, p. 9-27, mar./abr. 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/historiar/article/view/5439>. Acesso em: 31 out. 2022.

ATWOOD, Kathryn. *Women heroes of World War I: 16 remarkable resisters, soldiers, spies and medics*. Chicago: Chicago Review Press, 2014.

ATWOOD, Kathryn. *Women heroes of World War II: 26 stories of espionage, sabotage, resistance and rescue*. Chicago: Chicago Review Press, 2011.

AUSTRALIAN WAR MEMORIAL. *Nancy Grace Augusta Wake*. Canberra, [2022]. Disponível em: <https://www.awm.gov.au/collection/P332>. Acesso em: 27 out. 2022.

BEEVOR, Antony. *El misterio de Olga Chejova*. Barcelona: Editorial Crítica, 2004.

BÍBLIA Online. [S. l., 2022]. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf>. Acesso em: 27 out. 2022.

BLOCH, Marc. *Apologia da história e o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BRYSAK, Shareen Blair. *Resisting Hitler: Mildred Harnack and the Red Orchestra*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

CEPIK, Marco A. C. *Espionagem e democracia*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

CHARNEY, David L.; IRVIN, John A. A guide to the psychology of espionage. *AFIO's Intelligencer Journal*, Falls Church, 28 Aug. 2014.



COLES, Crystal; NETTING, Ellen; O'CONNOR, Mary Katherine. Using prosopography to raise the voices of those erased in social work history. *Affilia: Journal of Women and Social Work*, New York, v. 33, n. 1, p. 85-97, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1177/0886109917721>.

CRUMPTON, Henry A. *A arte da inteligência: os bastidores e segredos da CIA e do FBI*. Barueri: Novo Século, 2013.

CUMMINS, Antony; MINAMI, Yoshie. *The book of ninja: The first complete translation of The Bansenshukai: Japan's premier ninja manual*. London: Watkins Publishing, 2013. Disponível em: [https://nightops.net/wiki/lib/exe/fetch.php?media=books:the\\_book\\_of\\_ninja\\_the\\_first\\_complete\\_translation\\_of\\_the\\_bansenshukai\\_-\\_antony\\_cummins\\_yoshie\\_minami.pdf](https://nightops.net/wiki/lib/exe/fetch.php?media=books:the_book_of_ninja_the_first_complete_translation_of_the_bansenshukai_-_antony_cummins_yoshie_minami.pdf). Acesso em: 11 nov. 2022.

GAY, Peter. *Freud para historiadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GINSBERG, Benjamim. *How the jews defeated Hitler: Exploding the myth of jewish passivity in the face of nazism*. Maryland: Rowman & Littlefield, 2013.

HERMAN, Michael. *Intelligence power in peace and war*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LORD, Lynsey Ann. Joan Elisabeth Lowther Clarke Murray. In: MACTUTOR. St. Andrews, July 2008. Disponível em: [https://mathshistory.st-andrews.ac.uk/Biographies/Clarke\\_Joan/?fbclid=IwAR2V0uUo2hQfxbbaFBezfwlOPgQCMx8yc7T1w-occC0vbBl6baba1qoo8jg](https://mathshistory.st-andrews.ac.uk/Biographies/Clarke_Joan/?fbclid=IwAR2V0uUo2hQfxbbaFBezfwlOPgQCMx8yc7T1w-occC0vbBl6baba1qoo8jg). Acesso em: 27 out. 2022.

MACINTYRE, Ben. *Agent Sonya*. New York: Crown, 2020.

MONTEIRO, Lorena Madruga. Prosopografia de grupos sociais, políticos situados historicamente. *Pensamento Plural*, Pelotas, v. 14, p. 11-21, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pensamentoplural/article/view/3798>. Acesso em: 31 out. 2022.

NAVARRO, Diego. *Tres mil anos de información y secreto*. Madrid: Plaza y Valdes, 2009.

NEVES, Helena. Mulheres na Primeira Guerra Mundial: mudança e permanências. *ResPublica*, n. 14, p. 69-113, 2015. Disponível em: <https://recil.ensinolusofona.pt/handle/10437/9582>. Acesso em: 31 out. 2022.

PERRAULT, Gilles. *The Red Orchestra: The anatomy of the most successful spy ring of World War II*. New York: Simon and Shuster, 1970.

PURNELL, Sonia. *A woman of no importance: The untold story of the American spy who helped win WWII*. New York: Viking, 2019.

RADSAN, A. John. An overt turn on covert action. *Saint Louis University Law Journal*, St. Louis, v. 53, n. 2, p. 485-552, 2009.

REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria de análise histórica*. Recife: S.O.S Corpo, 1991.

SHULSKY, Abram. What is Intelligence?: Secrets and competition among states. In: GODSON, Roy; SCHMITT, G.; MAY, E. *US Intelligence at the crossroads: Agendas for reform*. New York: Brassey's, 1995.

SOARES, Luis Carlos; VAINFAS, Ronaldo. A nova história militar. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (org). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

SOIHET, Raquel. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. In: AGUIAR, Neuma (org.). *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

STONE, Laurence. Prosopography. *Daedalus: Journal of American Academy of Arts and Sciences*, Cambridge, v. 100, n. 1, p. 46-79, 1971.

THEBAUD, Françoise. *História das mulheres no ocidente*. Porto Alegre: Edições Afrontamento, 1991.

TURNBULL, Stephen. The ninja: An invented tradition?. *Journal of Global Initiatives*, v. 9, n. 1, p. 9-26, 2014. Disponível em: <https://digitalcommons.kennesaw.edu/jgi/vol9/iss1/3/>. Acesso em: 31 out. 2022.

VIOLETTE SZABO MUSEUM. *About Violette Szabo: A Real Life Heroine*. Hereford, c2015. Disponível em: <https://www.violette-szabo-museum.co.uk/violette.html>. Acesso em: 27 out. 2022.

VOLKMAN, Ernest. *A história da espionagem*. São Paulo: Escala, 2013.

WEST, Nigel. *Historical dictionary of sexspionage*. Toronto: The Scarecrow Press, 2009.

WHITE, Rosie. *Violent femmes: Women as spies in popular culture*. New York: Routledge, 2007.

WIANT, Jon A. A guide to the teaching about covert action. *Intelligencer: Journal of U.S. Intelligence Studies*, Washington, DC, v. 19, n. 2, p. 55-62, 2012. Disponível em: [https://www.afio.com/publications/WIANT\\_Pages\\_from\\_AFIO\\_INTEL\\_SUMMERFALL\\_2012.pdf](https://www.afio.com/publications/WIANT_Pages_from_AFIO_INTEL_SUMMERFALL_2012.pdf). Acesso em: 31 out. 2022.

Recebido em: 14 ago. 2021

Avaliado em: 5 maio 2022